



▲ *Peter Evans*

# NEMESIS

ONASSIS, JACKIE O  
*E O TRIÂNGULO AMOROSO  
QUE DERRUBOU OS*

KENNEDY





*Peter Evans*

# NÊMESIS

ONASSIS, JACKIE O,  
*E O TRIÂNGULO AMOROSO*  
*QUE DERRUBOU OS*  
KENNEDY

TRADUÇÃO  
BRUNO CASOTTI



Copyright © 2004 by Peter Evans  
Publicado mediante acordo com a Harper Collins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL

Nemesis: Aristotle Onassis, Jackie O, and the Love Triangle That  
Brought Down the Kennedys

PREPARAÇÃO

Ana Kronenberg

REVISÃO

Carolina Rodrigues  
Rayana Faria

PROJETO GRÁFICO

Kris Tobiassen

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E93n

Evans, Peter

Nêmesis : Onassis, Jackie O e o triângulo amoroso que derrubou os  
Kennedy / Peter Evans ; tradução Bruno Casotti. - 1. ed. - Rio de Janeiro :  
Intrínseca, 2015.

384 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Nemesis: the true story of Aristotle Onassis, Jackie O,  
and the love triangle that brought down the Kennedys

Inclui bibliografia e índice  
ISBN 978-85-8057-730-3

1. Onassis, Jacqueline Kennedy, 1929-1994. 2. Crime político -  
Investigação - Estados Unidos. I. Título.

15-21084

CDD: 364.1524

CDU: 343.301

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

**E ESTE É PARA MARK E CHRISTINE**



# SUMÁRIO

- Introdução | 9
- UM** O comércio de sangue | 17
- DOIS** Entra em cena Stavros Niarchos | 29
- TRÊS** “Mil vezes uma prostituta honesta” | 40
- QUATRO** Uma alma carnal | 51
- CINCO** Dançando tango com outra prima-dona | 60
- SEIS** O príncipe, a esposa e o amante dela | 70
- SETE** Feliz aniversário, sr. Presidente | 79
- OITO** Como Lee pôde recusar? | 89
- NOVE** Um psicopata charmoso | 97
- DEZ** O pequeno grego faminto | 106
- ONZE** Lace desembarcou em Ithaca | 110
- DOZE** “Ela esperava que o sol parasse para ela” | 121
- TREZE** O caminho grego | 129
- CATORZE** O coração e a mente de uma cocote de classe | 139
- QUINZE** *Tout passe* | 148

- DEZESSEIS** Dando vida nova a velhos boatos | 157
- DEZESSETE** Uma mulher mais velha | 161
- DEZOITO** Um terrorista com outro nome qualquer | 168
- DEZENOVE** Uma fraqueza de família | 177
- VINTE** Peças faltando | 187
- VINTE E UM** Um estoque inesgotável de excessos | 195
- VINTE E DOIS** Um homem com rancor e nada a perder | 204
- VINTE E TRÊS** Um casamento de negócios | 213
- VINTE E QUATRO** A neblina de Sirhan | 225
- VINTE E CINCO** Um suicídio prestes a acontecer | 234
- VINTE E SEIS** Mais um triste velhote namorador | 245
- VINTE E SETE** Droga é dinheiro | 257
- VINTE E OITO** Castigo de Deus | 270
- VINTE E NOVE** Um bom lugar para confissões | 273
- TRINTA** Fantasmas demais | 294
- TRINTA E UM** Dinheiro sujo | 302
- Epílogo | 309
- Agradecimentos | 317
- Notas | 323
- Índice | 349



# INTRODUÇÃO

Quando ele odiava, não poupava ninguém...

—CHRISTINA ONASSIS

**C**onheci Aristóteles Onassis em 5 de janeiro de 1968, em seu apartamento na avenue Foch, em Paris. Com a ideia de “fazer um livro” sobre sua vida, ele entrara em contato com o amigo Jean Paul Getty pedindo que recomendasse um escritor. Getty devolveu a carta com meu nome e telefone escritos na margem, provavelmente porque eu o entrevistara havia pouco tempo para produzir seu perfil para uma revista. Era o suficiente para Onassis — estaria eu interessado?

Onassis era, sem dúvida, o milionário mais famoso do mundo. Seu caso com Maria Callas o tornara sexy e conhecido. É claro que eu estava interessado — mas não se ele quisesse apenas um hagiógrafo. Perguntei que tipo de livro tinha em mente. Ele começou a me contar a história de sua vida, a infância em Esmirna: como sobrevivera ao massacre de 1922 e se tornara o chefe de sua família quando o pai foi jogado numa prisão pelos turcos, a fuga deles para Atenas e sua debandada para a Argentina, onde começou a fazer fortuna.

Embora eu soubesse que estava diante de uma encenação, a alquimia de dinheiro, sexo e mistério no cerne de sua história era irresistível. Durante o almoço no Maxim’s, mordi a isca.

Logo descobri que ele não reagia bem à técnica de entrevista de pergunta e resposta. Seus melhores momentos ocorriam quando fazia associações livres — de preferência diante de uma refeição, num bar ou simplesmente caminhando

tarde da noite pelas ruas de Londres, Paris ou Nova York. Assim como todos os oradores eloquentes, ele gostava de ter uma plateia. Em Paris, Johnny Meyer, um velho relações-públicas de Hollywood que descrevia a si mesmo como o *aide-de-camp* de Onassis, às vezes aparecia com alguma companhia elegante do serviço de garotas de programa de Madame Claude ou com uma dançarina do Crazy Horse. De vez em quando o filho de Onassis, Alexander, juntava-se a nós, mas parecia pouco à vontade ao ouvir as histórias do pai. O relacionamento entre os dois não era bom, embora Alexander, um rapaz gentil e decente, sempre se mostrasse respeitoso com o pai. O homem que mais inspirava Onassis era Constantine Gratsos, seu amigo mais antigo e mais próximo, arquiteto de muitos de seus maiores projetos. “Algumas vezes vou mentir para você”, disse-me Onassis, certa vez. “Mas Costa sempre lhe dirá a verdade.”

Embora tivesse um grande encanto e pudesse ser extremamente generoso, também era capaz de ser sádico com as pessoas mais próximas, e seu humor oscilava numa velocidade assustadora: a euforia podia se transformar em desespero, e não apenas quando ele bebia. Numa ocasião em que mencionei o nome de Stavros Niarchos — antes de saber o suficiente para tratar com luvas de pelica qualquer assunto relacionado a seu rival, cunhado e o homem que em breve se casaria com sua ex-mulher e mãe de seus filhos, Tina Livanos —, Onassis saiu da sala batendo a porta com tanta força que achei que nunca mais o veria. Entretanto, continuou a ir e vir nos meses da primavera e do verão de 1968. Eu recebia telefonemas para encontrá-lo em Paris, onde às vezes ele falava durante muitas horas, frequentemente varando a noite. Porém, em outras ocasiões, concedia-me apenas alguns minutos, e uma vez não encontrou tempo algum para falar comigo, após o que parecia ter sido uma convocação da maior urgência. Trabalhei com ele desse jeito durante dez meses antes que ele cancelasse o acordo; uma semana depois, em 20 de outubro de 1968, casou-se com Jacqueline Kennedy.

Na primavera de 1974, Onassis me disse que queria voltar a trabalhar no livro. O casamento com Jackie\* havia sido uma farsa. No papel, durara seis anos; na realidade, acabara semanas após as núpcias em sua ilha particular, Skorpios, marcado por calamidades do começo ao fim. Alexander morrera.

---

\* Ao longo do livro, os nomes de algumas personalidades são alternados com seus apelidos consagrados, como os casos de Jacqueline (Jackie) e John (Jack e JFK) Kennedy, Robert (Bobby) Kennedy e Aristóteles (Ari) Onassis. (N. da E.)

Tina havia morrido. Sua filha, Christina, casara e se divorciara, e a vida dele estava um caos. Tinha perdido Mônaco, o principado que governara por mais de uma década, e seu sonho de fazer uma nova fortuna em parceria com a ditadura dos coronéis na Grécia desmoronara. Um plano ainda mais ambicioso de dominar o Haiti terminara mal.

Onassis estava sofrendo de miastenia grave, uma doença autoimune que dificultava sua fala. Nós dois sabíamos que ele estava morrendo, e quando lhe perguntei por que voltara a se interessar pelo livro ele me respondeu: “Odeio deixar coisas inacabadas.”

Mas ele era tão curioso quanto vaidoso, e eu sabia que Onassis se importava com o que eu escreveria depois que estivesse morto. Durante os seis ou sete meses seguintes, até sua morte, em março de 1975, continuamos a trabalhar no livro que ele não viveria para ver publicado, como bem sabíamos. Nesse ínterim, seu instinto de autopreservação se degenerara com a idade e a doença, transformando-se em paranoia (obcecado por truques e jogos para testar a lealdade da família e dos amigos, ele nunca perdeu a capacidade de ser irritante), e nosso livro era sua última tentativa de consertar o modo como o mundo se lembraria dele.

Quando nos despedimos pela última vez, ele acreditava claramente que tinha alcançado seu objetivo. “*O que você não sabe agora*”, disse-me com aquela fala lenta e educada que ludibriara advogados, financistas e amantes durante anos, “*ninguém jamais saberá.*”

Seis semanas depois, Aristóteles Sócrates Onassis estava morto.

Pouco após a publicação de *Ari: The Life and Times of Aristotle Socrates Onassis*,<sup>1</sup> em 1986, levei um exemplar do livro para Yannis Georgakis, em Atenas. Renomado advogado grego, ex-presidente da Olympic Airways e intelectual e *raisonneur* particular de Onassis, Georgakis ingressara na Faculdade de Direito da Universidade de Atenas aos quinze anos e se formara aos vinte. Continuou seus estudos nas universidades de Munique, Heidelberg e Leipzig, onde concluiu o doutorado em direito penal em 1938. Lecionou ali até voltar para a Grécia, quando a Segunda Guerra Mundial estourou.

Depois da morte de Onassis, Georgakis se tornou meu informante mais confiável e um sábio consultor. Homossexual discreto, com modos delicados e um senso de humor irresistível, não era, porém, alguém a ser subestimado; durante a ocupação alemã, defendeu bravamente e sem remuneração centenas de com-

batentes da resistência grega diante de cortes marciais alemãs. Nutria afeto por Onassis, mas também podia ser severo: Onassis, segundo Georgakis me advertira na primeira vez que nos encontramos, era um “psicopata charmoso” que não estava preso a “absolutamente nenhum imperativo moral”. Se eu não compreendesse isso, disse ele, nunca compreenderia coisa alguma sobre Onassis.

Embora estivesse concentrado em seu novo papel de embaixador itinerante da Grécia para o mundo árabe, ele havia lido cada rascunho de meu livro e conferido as informações com uma atenção aos detalhes que só um advogado teria; a primeira edição que levei para Atenas era um símbolo da minha gratidão. Eu acreditava ter escrito a obra definitiva sobre o tema Aristóteles Sócrates Onassis. Fiquei decepcionado quando, alguns dias depois, Georgakis me disse que, embora eu tivesse chegado mais perto do que qualquer escritor da verdade sobre Onassis, “faltava a história real”.

Não era o que eu esperava ou desejava ouvir. Eu deveria ter examinado mais minuciosamente os acontecimentos em torno do casamento de Onassis com Jackie Kennedy, explicou Georgakis. Ele gostava de lançar provocações e ambiguidades, mas eu não estava com paciência para joguinhos. Como ele organizara o casamento em Skorprios, não havia ninguém mais indicado para saber a verdade — por que ele não me dizia de uma vez o que ficara faltando?

“Não posso. Isso acabaria com Christina”, respondeu Georgakis, na defensiva. “Não vamos mexer em casa de marimbondo.”

Eu sabia que seu cargo de secretário permanente do comitê internacional da Fundação Alexander Onassis o deixava numa situação delicada. Tentei reformular minhas perguntas para extrair algo mais sem lhe criar constrangimentos. Mas ele era um advogado inteligente demais para não perceber.

Nos meses seguintes, enquanto as informações pingavam de fontes inesperadas, como sempre acontece após a publicação de qualquer biografia, pistas de uma história mais complexa começaram a surgir.

“O ponto é o começo de toda a geometria; o ponto percentual é o começo de todas as fortunas. Antes desse ponto, nada importa”, foi a resposta de Onassis quando Christina lhe perguntou sobre os anos em que ele fizera sua fortuna. Eu sabia que ela não havia lido *Ari*. “Tenho medo do que posso descobrir”, revelou-me, embora na verdade nunca tivesse demonstrado muita curiosidade sobre o passado de sua família.

Em maio de 1988, almocei com ela em Paris e lhe dei um VHS de *Onassis: o homem mais rico do mundo*, uma minissérie de Hollywood baseada em minha biografia. Eu não a via com a mesma frequência dos tempos em que seu pai era vivo, e, aos 37 anos, ela havia mudado de uma maneira que ainda acho difícil definir. “Eu costumava pensar que ser rica era uma espécie de nirvana. Não é. Descobri depois que meu pai morreu”, contou-me. Perguntei se isso a tornara mais firme ou mais vulnerável. “Mais sábia”, disse ela.

Não tive notícias de Christina durante cinco meses. No início de outubro, ela me telefonou em Londres. Faria uma visita rápida a Buenos Aires para comemorar os quarenta anos de um amigo e sugeri que almoçássemos em Paris antes de sua viagem. Ela enfim havia lido *Ari* e queria discutir o livro comigo.

Almoçamos num café na rue des Capucines, atrás da place Vendôme. Ela havia perdido quase vinte quilos numa clínica suíça desde nosso último encontro, mas ainda estava mais gorda do que em 1970, quando saímos pela primeira vez em Londres. Mesmo após quatro casamentos fracassados e inúmeros romances infelizes, seu rosto ainda era mais delicado do que parecia nas fotografias que saíam na imprensa. Ela tinha acabado de voltar de Genebra, onde refizera seu testamento pela oitava vez desde a morte do pai. Aquilo sempre lhe dava prazer. “Se você quer descobrir o que realmente acha de uma pessoa, faça seu testamento. É maravilhoso como a mente fica concentrada”, disse-me, com malícia.

Christina falou sobre os homens que não eram lembrados no testamento, homens que a haviam decepcionado e que a tinham usado. Não é de se admirar que minha cabeça esteja tão confusa, explicou ela, embora eu soubesse que a forte dependência de medicamentos controlados também não contribuía muito para seu estado de espírito. Ela corria riscos que sua amiga e confidente parisiense Florence Grinda implorava que não corresse. Depois de sua primeira tentativa de suicídio, em 1974, e desde que o dr. Theodore Garofalides, seu tio, lhe receitara o antidepressivo imipramina, ela estava numa curva ascendente do vício em anfetaminas. Incapaz de aplicar uma agulha em si mesma, contratara uma enfermeira particular, em caráter permanente, para lhe administrar as injeções.

Christina falou sobre Thierry Roussel, seu último marido e pai de sua filha, Athina, que em poucos meses faria quatro anos. Sabia que seus amigos não gostavam de Roussel — o qual ela ainda amava — e que seus assessores não confiavam nele; haviam ficado horrorizados com a maneira como

ele a traía com a amante sueca. “Thierry é francês”, disse, dando de ombros, como se isso explicasse tudo.

Suspeitei que ela não estava me dizendo tudo aquilo sem um objetivo. Mas seria para provar que confiava em mim ou para parecer descuidada em relação a um assunto e, com isso, me enganar em relação a outro? A única certeza era que ela não negava ser filha de seu pai. Apesar da plástica no nariz e no queixo, ainda tinha os olhos e a boca de Onassis, bem como muito de seu charme e astúcia. Eu ainda tentava descobrir suas motivações quando ela me contou que havia gostado da biografia do pai. Eu conseguira captar sua personalidade de maneira quase correta na maior parte do tempo, apesar de não ter compreendido sua capacidade de odiar.

“Quando ele odiava, não poupava ninguém. Acabou destruindo todos nós”, revelou Christina. Era uma declaração extraordinária, e eu pensava em uma resposta quando ela acrescentou: “Mas ele não era um homem mau. Fez algumas coisas ruins, cometeu alguns erros feios, mas nunca foi *deliberadamente* malvado.”

Onassis morreria havia treze anos, mas falar nele a emocionou a ponto de levá-la às lágrimas. Embora eu soubesse que o relacionamento com o pai desafiava sua compreensão, fiquei comovido com sua lealdade e determinação em defender o nome dele. Apesar das dificuldades para explicar exatamente o que a incomodava, entendi que ela queria que eu escrevesse um artigo sobre o casamento de Onassis com Jackie Kennedy esclarecendo algumas questões que não haviam sido abordadas em meu livro. Georgakis me dissera que faltava a história real, e me perguntei se era a mesma lacuna que incomodava Christina. Eu planejava pegar um voo de volta a Londres à noite, mas, como já a havia visto em diversos estados emocionais antes, sabia que ela não conseguiria continuar nossa conversa com coerência naquela noite. Por isso, decidi ficar.

No dia seguinte, nos encontramos em um café no Quai des Grands-Augustins. Com as energias refeitas após uma boa noite de sono, Christina parecia muito mais forte e decidida. Depois de me fazer jurar manter sigilo e não usar a história sem sua aprovação, contou-me — como um advogado resumindo as provas da defesa — o que lhe causava tanta consternação.

Em 1968, segundo ela, Onassis pagou a um terrorista palestino chamado Mahmoud Hamshari (que mais tarde se tornou uma figura importante do Setembro Negro, o grupo terrorista responsável pelo massacre de onze atletas

israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972) uma taxa de proteção para sua empresa aérea, a Olympic Airways. Mais tarde, Onassis descobriu que esse dinheiro havia sido usado para financiar o assassinato de Robert Kennedy.

Só por esse breve resumo, sua preocupação era compreensível. Pois a morte de Bobby Kennedy abriera caminho para Onassis se casar com a viúva de seu irmão John F. Kennedy — um casamento que Bobby havia jurado que só aconteceria por cima de seu cadáver. Como não se podia conceber que qualquer coisa envolvendo os Kennedy fosse acidental — as teorias em torno da família se proliferavam como erva daninha —, Christina temia que a ligação fosse descoberta, que alguém seguisse o rastro do dinheiro. Nessas circunstâncias, quem não acharia que seu pai havia sido diretamente responsável pelo assassinato?

Eu conhecia Christina havia vinte anos e, embora sentisse que ela estava omitindo alguma informação, sabia que aquele não era o momento para pressioná-la. Combinamos de nos encontrar de novo, na companhia de Georgakis, no início de dezembro. “Talvez você possa vir para o meu aniversário”, sugeriu. Christina faria 38 anos em 11 de dezembro e daria uma festa no Maxim’s. Garanti a ela que não perderia aquilo por nada.

Três semanas depois, ela foi encontrada morta em sua banheira em Buenos Aires, a cidade onde o pai começara sua fortuna, sessenta anos antes.

Georgakis se recusou a discutir o assunto comigo depois da morte de Christina, mas, quando lhe contei que haviam me pedido para escrever a biografia dela, ele falou: “Faça isso se quiser, mas ela é um espetáculo secundário. A história ainda é o pai.”

Demorou mais de três anos para que ele finalmente concordasse em me ajudar a desvendar o segredo que estava no cerne do casamento de Onassis e Jacqueline Kennedy — e a verdade sobre o assassinato de Bobby Kennedy.

“Não é algo tão cristalino quanto Christina pensava”, começou ele, com um comedimento que o definia perfeitamente, como hoje percebo.

Devo partir da premissa, disse ele, de que, para Onassis, Bobby Kennedy era um assunto inacabado havia muito tempo...





# UM

## O COMÉRCIO DE SANGUE

Se alguém me perguntasse em que sentido acho o homem mais forte,  
eu diria: em sua capacidade de odiar.

—H.W. BEECHER, 1813-1884

**R**obert Kennedy e Aristóteles Onassis se encontraram pela primeira vez em um coquetel oferecido pela socialite inglesa Pamela Churchill\* no Plaza Hotel, em Nova York, na primavera de 1953 — o ano em que Jacqueline Lee Bouvier se casou com John F. Kennedy.

Pamela Churchill era uma astuta *networker* muito antes de esse termo ter sido cunhado, e sua lista de convidados era composta da elite da sociedade americana e das pessoas mais ricas do mundo. Filha de um barão inglês e ex-mulher de Randolph Churchill — filho beberrão do primeiro-ministro britânico —, Pamela, que inspiraria a devassa e elegante lady Ina Coolbirth de *Súplicas atendidas*,<sup>1</sup> de Truman Capote, conhecia os poderosos e quase poderosos de cinco continentes. Dizia-se que, por quantias fabulosas, ela dormia com a maioria deles.

Pamela conhecia Bobby desde 1938, quando o pai dele, Joseph P. Kennedy, era o embaixador americano na Inglaterra. Ela e a irmã mais velha de Bobby, Kathleen, debutaram juntas na última temporada em Londres antes

---

\* Futura embaixatriz dos Estados Unidos na França, com o sobrenome Harriman.

do início da Segunda Guerra Mundial e continuaram amigas até a morte de Kathleen num acidente de avião em 1948.

Já Onassis não era um amigo tão antigo. Porém, desde que Randolph, ex-marido de Pamela, apresentara os dois no sul da França vários meses antes — uma apresentação que Onassis revelou ter lhe custado 2 mil libras esterlinas (cerca de 40 mil libras na moeda de hoje) —, ela e o milionário armador grego se tornaram íntimos (amantes, segundo ele; não foi bem assim, protestou ela, embora sua confiabilidade em tais assuntos fosse tão questionável quanto a dele). Onassis era mundano demais para o seu gosto, disse ela a amigos.<sup>2</sup> Um *arriviste* inconfundível, ele tinha um temperamento instável, principalmente quando exagerava na bebida, e seu hábito de quebrar pratos e fazer cenas em restaurantes ofendia a sensibilidade inglesa de Pamela.

Embora se sentisse atraído pelo mundo da socialite e soubesse que seria aceito com mais facilidade se adotasse as roupas, o linguajar e os modos elegantes dessa classe social — como fizera seu cunhado Stavros Niarchos —, Onassis se recusou. “Não vou bancar o hipócrita para ninguém”, disse à sua jovem esposa de educação inglesa, Tina (filha de Stavros Livanos, rei dos armadores nos anos 1930), quando ela tentou livrá-lo de sua crisálida grega e repaginá-lo como um janota inglês.<sup>3</sup>

Entretanto, Pamela Churchill era uma mulher prática, e estava claro que seu interesse em Onassis havia sido reavivado — e seu senso de tolerância, recuperado — pela notícia de que ele acabara de comprar o principado de Mônaco. Mais precisamente, escondendo-se por trás de um emaranhado de testas de ferro panamenhos, ele adquirira a SBM (Société des Bains de Mer et du Cercle des Étrangers), uma empresa imobiliária moribunda que tinha várias propriedades eduardianas em Monte Carlo, incluindo o cassino, o iate clube, o Hotel de Paris e mais ou menos um terço dos quase 152 hectares do principado.

Situado entre os campos de petróleo do Oriente Médio e os mercados da Europa e da América do Norte, Monte Carlo era uma base perfeita para as operações de Onassis. O clima lhe agradava, a vida social tinha a aprovação de Tina, e o principado era isento de impostos.

Da noite para o dia, Onassis se tornou famoso; de repente, tudo que ele fazia era notícia. Sua riqueza, bem como os indícios de algo misterioso em seu passado, forneciam um material maravilhoso. Mais do que apenas outro grego rico, aquela figura pequena, morena e voluptuosa, com olhos sedutores

de pálpebras pesadas, era reconhecida nas ruas. As mulheres começaram a se oferecer para ele como se fosse um astro do cinema. Onassis passou a usar óculos escuros e contratou um relações-públicas. Repórteres o chamavam de “rei de Mônaco” (um enobrecimento criado pelos tabloides que não pegou bem junto a Rainier, o príncipe de Mônaco). Ele dava entrevistas sobre como lidar com as mulheres: “Trato toda mulher como uma amante em potencial”, declarou. “As belas não conseguem suportar moderação. Precisam de um estoque inesgotável de excesso.”

Mas seu romance com a mídia não era inteiramente motivado pelo ego. A imagem que cultivava de magnata misterioso, porém magnânimo, que ficara rico da noite para o dia também “sancionava seus negócios astutos”, nas palavras de um assistente americano.<sup>4</sup> E nenhum negócio fora mais astuto do que a aquisição, cinco anos antes, de dez petroleiros T2 americanos excedentes. Devido ao tamanho e à importância estratégica dos navios, sua venda havia sido proibida para estrangeiros, mas, a 1,5 milhão de dólares cada um, eram uma compra irresistível para Onassis, e com a ajuda de uma corporação dos Estados Unidos que tinha à frente três cidadãos americanos ele contornou facilmente a cláusula de exclusão.\*

---

\* A United States Petroleum Carriers, Inc. foi iniciada com um estoque de capital autorizado de mil ações. Seiscentas ações desse estoque foram emitidas para três americanos: Robert L. Berenson, Robert W. Dudley e o almirante H.L. Bowen. Quatrocentas ações permaneceram sem ser emitidas. Em 30 de dezembro de 1947, a Maritime Commission aprovou a venda de quatro petroleiros T2 à United States Petroleum Carriers, Inc. Quase imediatamente, Dudley comprou a parte do almirante e, uma semana depois, Berenson adquiriu as ações de Dudley por 125 mil dólares (preço original de 1.000 dólares). No mesmo dia, a Sociedad Industrial Maritime Financiera Ariona, Panama, S.A., pertencente a Onassis e seus primos Nicholas e Constantine Konialidis, comprou as quatrocentas ações restantes do estoque autorizado. Nos seis meses seguintes, a mesma corporação panamenha comprou mais noventa ações do estoque de Berenson, o que lhe deu uma parte percentual de 49% da corporação. Ao mesmo tempo, Berenson reduziu sua participação pessoal a 48% vendendo dez ações a cada um dos três cidadãos americanos intimamente ligados a Onassis (Clifford Carver, que trabalhara para Onassis durante um empreendimento de risco de caça a baleias na Califórnia; Nicholas Cokkinis, que dirigia o escritório de Onassis em Nova York, na rua Broad; e Arne Storen, arquiteto naval e amigo de Onassis). Do ponto de vista do controle das ações com direito de voto, Cokkinis (que se tornou cidadão americano dez dias antes de adquirir seu estoque da USPC), Carver e Storen mantiveram o equilíbrio de poder; numa disputa entre Berenson e a parceria Onassis-Konialidis, qualquer um dos três poderia pôr a participação estrangeira sob con-

\* \* \*

Robert Kennedy também se tornou manchete de capa pela primeira vez em 1953. E, se os anos 1950 não chegaram a ser *seus* anos de glória, como foram para Onassis, foram inquestionavelmente emocionantes.

Pequeno, mais irlandês e intenso do que seus irmãos, com uma psique tensionada como uma mola, após se formar na Faculdade de Direito da Universidade da Virgínia, em 1951, Kennedy arranhou um emprego na Divisão Criminal do Departamento de Justiça americano. Designado para um humilde trabalho de campo sobre casos de fraude fiscal num escritório distrital no Brooklyn, ele se demitiu apenas alguns meses depois para se dedicar à campanha de Jack, seu irmão mais velho, para o Senado. Após a eleição de Jack, em 1952, Bobby, então com 27 anos, sentiu-se desamparado. Era um advogado sem qualquer experiência nos tribunais e sem saber ao certo para onde se voltar. Seu pai sugeriu que integrasse a Permanent Subcommittee on Investigations (Subcomissão Permanente para Investigações) do senador Joseph McCarthy, ramificação de um discreto comitê para investigar operações do governo, que McCarthy transformara na base para sua notória caça às bruxas comunista.

Embora ainda não tivesse inspirado um substantivo com o sufixo *ismo*, McCarthy já era conhecido e perigoso. Nenhum político da época, afirmou o escritor Richard Rovere, tinha “acesso mais garantido e rápido aos lugares obscuros da mente americana”.<sup>5</sup> Apesar de não ter conseguido provar sua acusação de que 205 comunistas se infiltraram no Departamento de Estado,\* McCarthy continuava usando insinuações e alegações de conspirações para destruir os Estados Unidos, explorando os temores e as frustrações de uma nação cansada da guerra na Coreia e preocupada com os avanços comunistas no Leste Europeu e na China. Ainda que John Kennedy lhe tenha feito sérias advertências, Bobby

---

trole. (Senate Report on the Sale of Government-Owned Surplus Tanker Vessels, p. 21, 29 de maio de 1952. Ver também Memo to J. Edgar Hoover from James M. McInerney, Assistant Attorney General, Criminal Division. 17 de abril de 1952. FBI Report U.S. Petroleum Carriers Inc., 10 de maio de 1952. Fraud Against the Government. Adquirido por meio da Lei de Liberdade de Informação [FOIA, na sigla em inglês].)

\* O senador Joseph McCarthy ganhou notoriedade nos Estados Unidos pela primeira vez quando o jornal *Intelligencer*, de Wheeling, West Virginia, relatou que ele declarara o seguinte a um clube de republicanos, em 9 de fevereiro de 1950: “Tenho aqui na mão uma lista de 205 nomes que eram conhecidos pelo secretário de Estado como membros do Partido Comunista e ainda estão fazendo e delineando a política do Departamento de Estado.”

decidiu que seria empolgante expor a corrupção e revelar os planos comunistas; disse ao pai para ir em frente e falar com McCarthy sobre um emprego.<sup>6</sup>

Joe Kennedy apoiara McCarthy financeiramente durante algum tempo,<sup>7</sup> embora ainda não se tenha ideia do montante que ele depositou nos cofres do senador republicano.\* Entretanto, a quantia parece ter sido suficiente para impedir que McCarthy fosse até Massachusetts discursar a favor do adversário republicano de Kennedy quando o futuro presidente estava disputando o Senado, no ano da vitória esmagadora de Eisenhower, 1952 — uma manobra que muitos acreditam ter assegurado a vitória de Kennedy.

Joe Kennedy, portanto, talvez achasse que tinha McCarthy em suas mãos quando lhe pediu para nomear Bobby para o cargo de promotor-chefe de sua Permanent Subcommittee on Investigations. Contudo, McCarthy afirmou que já havia prometido o emprego a Roy Cohn, um jovem assistente da procuradoria dos Estados Unidos em Nova York com uma fama bem-estabelecida de fervor anticomunista (ele ajudara a condenar Julius e Ethel Rosenberg como espiões de segredos atômicos). Tudo que McCarthy podia oferecer a Bobby era um emprego como assessor de Cohn.

Aquilo foi mais do que uma decepção passageira para Bobby. Irritado por ter sido rejeitado em favor de Cohn, que era dezoito meses mais novo que ele, o jovem advogado começou a mostrar os sinais de uma forte veia competitiva, a qual, no futuro, Onassis exploraria de forma implacável.<sup>8</sup>

“Bobby achou que não estava chegando a lugar algum”, revelou um velho amigo da família, recordando a frustração de Kennedy por ter que se contentar com o papel de assessor de Cohn. “Ele ficava irritado e furioso com as pessoas o tempo todo. Muita gente o achava um imbecil.”<sup>9</sup> Seu cunhado, George Skakel, considerava-o um “canalha de merda” e não conseguia entender o que a irmã, Ethel, via naquele “idiota”.<sup>10</sup> De modo muito mais elegante, Jackie Kennedy diria mais tarde a Onassis que Bobby tinha “o dom de despertar antipatia”.<sup>11</sup>

Mas até amigos acostumados a ver Bobby descontar as frustrações nos outros ficaram perplexos com sua reação irritada à presença de Onassis na *soirée* de Pamela Churchill naquela noite de primavera de 1953. “O desprezo de um pelo outro era palpável (...) um nítido sentimento de competição física estava no ar”, contou o diplomata britânico Sir John Russell.<sup>12</sup>

---

\* Parte da derrocada de McCarthy, em 1954, se deveu, além da embriaguez, à sua recusa a explicar uma transação financeira perante uma comissão do Senado que investigava seus negócios.

Bobby Kennedy e Ari Onassis, homens que podiam intimidar, mas também encantar — baixos, de aparência desgrenhada, cujas roupas sempre pareciam mal ajustadas, não importando quanto haviam custado. “Nunca vi nenhum dos dois com um terno passado ou com sapatos que não estivessem surrados”, descreveu um conhecido de ambos.<sup>13</sup> Eles deviam parecer estranhamente deslocados no meio dos convidados elegantes de Pamela, no Plaza Hotel, naquela noite de primavera. Bobby tinha 27 anos; Onassis, 53, mas fingia ter seis anos a menos. Sir John achava muito curioso que dois homens nascidos com uma diferença de um quarto de século, e em mundos diferentes, pudessem competir um com o outro “como dois inimigos ferozes”.<sup>14</sup>

Quando Sir John Russell ligou para Pamela no dia seguinte, ela estava claramente empolgada com a guerra de egos. “Nossa, aqueles dois exibiram suas qualidades tribais ontem à noite, não foi?” Ela disse que nunca havia visto os olhos de Bobby mais gelados ou azuis. Pareciam os olhos do pai de Bobby “depois de Joe fazer algo realmente inescrupuloso”.

Sir John, um homem profundamente versado nas fofocas mais escandalosas da sociedade londrina, sabia que a familiaridade de Pamela com a cor e a frieza dos olhos de Joe Kennedy quando este se comportava mal era mais do que mera suposição. Mais tarde, no *roman à clef* de Truman Capote, lady Ina Coolbirth descreveria como tinha sido estuprada aos dezoito anos pelo pai de Kathleen Kennedy, que se insinuara em sua cama no meio da noite, quando ela era hóspede da família num fim de semana.

A verdadeira ofensa, porém, não fora a violação em si, mas o fato de ele não lhe dar uma prova tangível de sua gratidão. No café da manhã, reclamou o *alter ego* cobiçoso de Pamela no romance de Capote, “não houve uma piscadela ou um sinal, apenas o bom e velho papai da minha amiga da escola. Foi esquisito e bastante cruel; afinal de contas, ele me possuía e eu até fingira gostar (...). Tinha que ter havido alguma lembrancinha sentimental, uma bugiganga, uma caixa de cigarros”.<sup>15</sup>

Todos que conheciam bem Pamela Churchill sabiam dessa história. Capote, considerado um de seus amigos mais próximos, assegurou a Joe Fox, nosso editor na Random House, que Ina Coolbirth não era “baseada em Pamela Churchill — ela é Pamela Churchill”.\*

---

\* Capote também disse a seu biógrafo, Gerald Clarke, que Pamela viveu tudo o que aconteceu a lady Ina na história — incluindo o estupro por Joe Kennedy (Christopher

Seria possível, então, que Bobby Kennedy tivesse simplesmente perdido a compostura por suspeitar que Onassis — um homem que conseguia descobrir as indiscrições e as fraquezas de seus amigos — soubesse da conduta indigna de seu pai, e talvez de outros segredos de Kennedy que Pamela pudesse ter deixado escapar? Era certo que Kennedy se transtornava com facilidade, apesar de toda a sua insolência. No entanto, seria essa uma explicação suficiente para os dois se enfrentarem abertamente na festa de Pamela Churchill e para o que se revelaria o início de um ódio mútuo, alimentado pelo resto de suas vidas?

“Minha mulher, Alikí, achava que cada um reconheceu no outro algo que desprezava em si mesmo, e isso fez bastante sentido para mim”, Sir John me diria mais tarde.<sup>16</sup> Contudo, por mais perspicaz que possa ter sido a observação de Alikí, havia também outro motivo mais imediato pelo qual os dois homens antipatizaram um com o outro instantaneamente quando se encontraram cara a cara pela primeira vez.

Enquanto Joe McCarthy e Roy Cohn caçavam subversivos no Departamento de Estado e se tornavam cada vez mais famosos, Bobby Kennedy concluiu uma breve investigação sobre uma suposta entrada de homossexuais no Departamento de Estado. Em seguida, iniciou um estudo sobre o comércio — “o comércio de sangue”, diria McCarthy mais tarde, com seu instinto para manchetes chamativas<sup>17</sup> — entre aliados dos Estados Unidos e a China Vermelha, cujas forças combatiam tropas americanas na Coreia.

Durante semanas, ele arregaçou as mangas e afrouxou a gravata.<sup>18</sup> Bobby vasculhou as listas de remessas do Lloyd’s de Londres, registros da Maritime Commission, relatórios da CIA e arquivos da Inteligência Naval.<sup>19</sup> Naquela primavera, sua revelação de que mais de trezentos navios pertencentes a famílias de armadores gregos em Nova York estavam comercializando regularmente com a China Vermelha lhe rendera suas primeiras manchetes em jornais de circulação nacional. Ele declarou em entrevista coletiva que não fazia sentido que “nossos principais aliados, a quem ajudamos financeiramente, façam negócios com os comunistas que estão matando soldados americanos”.<sup>20</sup>

---

Ogden, *Life of The Party: The Biography of Pamela Digby Churchill Hayward Harriman*. Londres: Little, Brown & Co., 1994, p. 257).

Mas o conceito de patriotismo não fazia sentido para Onassis, e ele ficou furioso com o que considerou a intromissão de um político que apenas tinha pressa de ficar conhecido.

Embora nenhum de seus navios estivesse envolvido no “comércio de sangue”, Onassis temia que a arenga de Kennedy contra os proprietários de navios gregos suscitasse questionamentos sobre como eles haviam conseguido adquirir tantos petroleiros T2 envolvidos no comércio. Por sua vez, isso poderia trazer um novo fôlego para a vacilante investigação do FBI sobre sua conspiração criminosa para fraudar o governo dos Estados Unidos com a aquisição de petroleiros T2 cinco anos antes.

Em qualquer outra ocasião, ele teria dado pouca importância a esse assunto. Mesmo que os Estados Unidos lhe tomassem de volta todos os seus T2, eles já lhe haviam rendido pelo menos trinta vezes o que Onassis pagara na compra. Em condições normais, a expropriação seria apenas um inconveniente, mas naquele momento as consequências podiam ser desastrosas, pois, em segredo, ele negociava um acordo para fornecer e administrar uma frota de petroleiros para o governo da Arábia Saudita, transportando o petróleo sob bandeira saudita. Era o que mais tarde ele chamaria de “o maior acordo de garganta seca”<sup>21</sup> de sua vida. Os lucros eram potencialmente enormes; as implicações globais, imensas. Se tivesse sucesso, ele se tornaria mais rico e mais poderoso do que algumas nações. Além disso, Onassis também sabia que uma frota de petroleiros sauditas seria percebida como o primeiro passo para a autossuficiência daquele país no negócio de petróleo. Por ser uma flagrante violação de um acordo entre as principais empresas americanas do setor e a monarquia saudita, estava claro que o negócio teria que ser concluído depressa antes que a notícia sobre seus planos chegasse a Washington e à Aramco.\* Princípios morais não tinham sido de grande importância para seu sucesso até então, mas ele sabia que os sauditas poderiam repensar a parceria caso se envolvesse num escândalo em Washington.

Em outubro de 1953, seus piores temores se concretizaram. Um grande júri federal aprovou uma denúncia sigilosa contra Onassis. Agora, toda vez que um de seus navios chegava a um porto americano, era detido e tinha os rendimentos apreendidos. Ninguém tinha dúvida alguma sobre o teor das acusações confidenciais, e Onassis culpou Bobby Kennedy por sua situação difícil.

---

\* Consórcio dominado pelas quatro principais empresas americanas: Standard Oil Company of California, Mobil, Exxon e Texaco.



“Ninguém dava a mínima para quem era o dono daqueles petroleiros até Kennedy começar a abrir sua grande boca irlandesa”, disse ele a Costa Gratsos, seu sócio de longa data. O armador estava convencido de que Bobby havia iniciado uma vingança pessoal contra ele.<sup>22</sup>

De início, os amigos consideraram aquilo uma paranoia de Onassis, mas, naquele outono, veio à tona em Nova York um relatório feito dez anos antes pelo Escritório de Inteligência Naval (ONI, na sigla em inglês) para o FBI, sobre uma fraude em um seguro de tabaco cometida por Onassis havia uma década.

O tabaco foi enviado via Gênova, onde foi transferido para outra embarcação. E supostamente ONASSIS teve a ideia de salpicar água salgada sobre a carga quando ela estava em Gênova, sendo a cobrança resultante à seguradora por danos no mar uma soma bem-vinda para legitimar os lucros do comércio. Funcionários da seguradora estavam envolvidos e, por fim, um deles entregou o jogo num momento em que Nicolas KONIALIDIS, cunhado dele,\* estava em Gênova. Como resultado, este último cumpriu pena na prisão. Ao que parece, o dossiê foi enviado de Gênova para a Grécia, mas supostamente se perdeu devido a uma ligação próxima entre ONASSIS e certo MICHALA-KOPOULOS, ministro grego na época.<sup>23</sup>

Onassis sabia que Bobby havia vasculhado os registros da Inteligência Naval em busca de informações para atacar os armadores gregos e garantiu que Bobby estava por trás do relatório do ONI, que logo circulava em jantares elegantes em Nova York como um exemplar de uma obra censurada em Moscou. Embora não houvesse prova alguma da culpa de Bobby, John Kennedy trabalhara para o ONI em Washington na Segunda Guerra Mundial, e isso bastava para Onassis.

“Ari ofereceu a Johnny Meyer um Cadillac caso ele conseguisse provar que Jack Kennedy dera a história a Bobby”, contou-me Yannis Georgakis.<sup>24</sup>

Meyer, que fora intermediário de Howard Hughes em Washington durante a Segunda Guerra Mundial, descobriu que Jack deixara a Inteligência Naval cinco meses antes de o relatório do ONI para o FBI ser redigido.<sup>25</sup>

---

\* Também conhecido como Nicos Konialidis. Ele se casou com a prima Merope, meia-irmã de Onassis, em 1938.

“Descobri que Kennedy foi transferido para um cargo menos delicado quando o FBI tomou conhecimento de que ele estava comendo uma dama (Inga Arvad) suspeita de ser espiã alemã”,\* diria Meyer mais tarde a Brian Wells, um ex-executivo de jornal e vizinho em Palm Beach que se tornou seu colaborador numa autobiografia inacabada.

Esse intervalo de tempo não convenceu Onassis, que continuou a insistir que Bobby havia obtido o relatório do ONI por meio de Jack ou das ligações deste com o serviço secreto. “Eu falei: ‘Meu Deus, Ari, Howard é paranoico, mas você é ainda mais louco do que ele’”, recordaria Meyer mais tarde. “Ele retrucou: ‘Até mesmo os paranoicos têm inimigos. Esse irlandês babaca quer me enterrar.’”

Alguns dias depois, Onassis perguntou a Meyer se ele estaria disposto a buscar informações contra Bobby por ele. Mas Meyer ainda trabalhava com Howard Hughes e não quis se envolver mais. “Ari tinha muito charme, um incrível espírito travesso que eu apreciava. Eu precisava lembrar a mim mesmo que ele também tinha uma fama de implacável. Digamos que ele tinha uma atitude bastante grega em relação aos inimigos. Se Bobby seria prejudicado, eu não queria ter participação alguma naquilo”, revelou Meyer a Wells.

Seis meses após seu encontro áspero com Bobby na festa de Pamela Churchill, Onassis voou para Dusseldorf para consultar o dr. Hjalmar Schacht sobre o acordo saudita. Ex-presidente do Reichsbank e mentor financeiro do Terceiro Reich de Hitler, Schacht se especializara no assessoramento de países do mundo muçulmano. De acordo com a revista da Alemanha Ocidental *Der Spiegel*, o velho nazista se tornara “o curandeiro das altas finanças”,<sup>26</sup> “venerado de forma quase mística” em todo o Oriente Médio, e Onassis calculou que os imensos lucros em potencial valiam o risco de se indispor ainda mais com o governo americano.

---

\* “Temo que ela seja perigosa. Ela sem dúvida tem ligações com os fascistas na Europa, sobretudo na Alemanha”, confidenciou Jack Kennedy a um amigo de Palm Beach, Henry James. “Mas, quanto a ser espiã, é difícil acreditar que esteja fazendo isso, porque ela não é apenas bonita, mas calorosa, carinhosa, maravilhosa na cama. Mas você sabe, maldição (...) descobri que o filho da puta do Hoover tinha plantado um microfone embaixo do colchão!” (Citado em Nigel Hamilton, *JFK: Reckless Youth*. Nova York: Random House, 1992, p. 489.)

No fim de dezembro, Schacht redigira o esboço de um contrato conhecido simplesmente como o acordo de Jidá. Esse acordo, guardado em segredo rigoroso, exigia de Onassis o fornecimento de quinhentas mil toneladas em capacidade de transporte para a fundação da Saudi Arabian Maritime Company, ou Samco. Com sede em Jidá, mas isenta de impostos sauditas, a frota usaria a bandeira nacional e seus oficiais seriam provenientes de uma faculdade marítima saudita criada e financiada por Onassis. A empresa teria prioridade nos direitos ao envio de petróleo árabe, com uma garantia inicial de 10% da produção anual do país. Petroleiros pertencentes a empresas sócias da Aramco e registrados em nome delas até 31 de dezembro de 1953 não seriam afetados pelo acordo, mas Onassis estaria livre para assumir o controle dos navios da Aramco quando se tornassem obsoletos. Um corretor de transportes de Londres chamou o acordo de “um carnaval de apropriações”. Em uma década, isso daria a Onassis o monopólio sobre o transporte de mais de 45 milhões de toneladas de petróleo saudita por ano.

Em 18 de janeiro de 1954, Onassis e sua jovem esposa, Tina — que tinha 24 anos e era mãe de Alexander, com seis anos, e Christina, com quatro —, chegaram a Jidá a bordo do petroleiro *Tina Onassis*. Ele mais tarde alegaria que seu plano era abordar a indústria do petróleo e explicar sua posição para, em seguida, consultá-la.<sup>27</sup> Mas nem a Aramco nem Washington haviam sido informados de nada quando, dois dias depois, o ministro das Finanças, xeque Al Suleiman, assinou o acordo de Jidá em nome do governo saudita.

Mesmo assim, ainda era preciso que o pacto fosse implementado por decreto real, e Onassis sabia que nada estava certo enquanto a assinatura do soberano não estivesse no contrato. Ele sugeriu, portanto, que o acordo fosse mantido em sigilo até a aprovação real. O idoso ministro das Finanças concordou de boa vontade. Com o *ad valorem* determinado, o ministro estava feliz por se distanciar do acordo e deixar por conta de Onassis a escolha do momento apropriado para o anúncio.

Contudo, sem o conhecimento de Onassis, seu cunhado e rival de longa data — bem como amante de sua esposa — Stavros Niarchos sabia exatamente o que estava acontecendo.

De acordo com uma biografia de Onassis: “Nunca ficou claro quando exatamente Niarchos obteve uma cópia do documento conhecido como o

acordo de Jidá ou como ele conseguiu pôr as mãos nela.”<sup>28</sup> Entretanto, nunca houve dúvida alguma entre os amigos deles de que a cópia tinha sido entregue diretamente por Tina. Se foi um gesto vingativo de traição (Tina sabia tudo sobre as amantes do marido), uma conversa descuidada na cama ou um impulso infantil para prejudicar a família, ainda não está claro. Mas, quaisquer que tenham sido seus motivos, isso afetaria a vida deles mais profundamente do que ela jamais poderia ter imaginado.



# AS DÉCADAS DE 1950 E 1960

renderam ao mundo grandes divas, como Jacqueline Kennedy, Maria Callas e Marilyn Monroe, e também foram a época da ascensão de homens que ditariam o rumo do século XX: John e Bobby Kennedy e Aristóteles Onassis. Numa intrincada rede de intrigas e conspirações, *Nêmesis* mostra como esses personagens glamourosos se tornaram o centro de uma história de ódio que perdurou por mais de vinte anos e de um triângulo amoroso que abalou a geopolítica internacional.

*“Evans é um jornalista metódico e um especialista em Onassis. Ele escreveu uma biografia aprofundada e muito elogiada do grego nos anos 1980, mas depois percebeu que havia deixado passar a ‘verdadeira história’: a de que Onassis odiava tanto Bobby Kennedy, e por tantas razões, que acabou colaborando para o seu assassinato.”* — NATIONAL REVIEW

*“A vida e os amores de Aristóteles Onassis deram origem a uma das maiores sagas do século XX. Recheado de sexo e escândalos, *Nêmesis* concentra-se no envolvimento de Onassis com os Kennedys, uma relação muito mais complexa e cáustica do que se poderia imaginar.”* — THE TELEGRAPH

*“Quando ele odiava, não poupava ninguém. Acabou destruindo todos nós.”* — CHRISTINA ONASSIS SOBRE O PAI, ARISTÓTELES ONASSIS

